

# Redes sociais informais e esposas na Atenas de Aristófanes<sup>1</sup>

---

---

Fábio de Souza Lessa

## Abstract

*This article's aim is to study the integration, in the classical period Athenian society, of the "well-to-do" wives into the informal social nets. Aristofanes' comedy "Lysistrata" will be the textual register used for this study.*

Neste artigo temos por objetivo estudar a integração das esposas *bem-nascidas* atenienses nas redes sociais informais. Partimos do princípio de que essas redes sociais informais nas quais as esposas legítimas dos cidadãos participavam ativa e publicamente eram mais conexas na proporção em que a divisão social das atividades masculinas e femininas era mais distinta e demarcada. Os textos antigos insistem na existência de uma demarcação rígida de espaços sociais masculinos e femininos. Xenofonte, por exemplo, nos oferece uma divisão sexual dos espaços de atuação em interno-feminino e externo-masculino (XENOFONTE. *Oeconomicus*. VII, 20-22). Esta demarcação espacial rígida propiciaria uma maior conexão interna nas redes sociais informais, tanto nas redes femininas quanto nas masculinas. Partimos do princípio de que a demarcação espacial rígida proporciona uma necessidade maior de interação interna tanto nos grupos formados pelos segmentos femininos quanto nos formados pelos masculinos. Ressaltamos ainda que a idéia da existência dessa demarcação espacial extremamente rígida é mais uma construção ideológica do que propriamente uma prática social.

A documentação textual para tal estudo será a comédia *Lisístrata* de Aristófanes (448-380 a.C.) apresentada, em 411 a.C., durante a guerra do Peloponeso (431-404 a.C.). Lisístrata, protagonista da comédia, propõe como forma de acabar com o conflito entre atenienses e lacedemônios uma greve de sexo. Caberia às esposas jovens gregas seduzir seus maridos e repudiá-los no momento certo, enquanto as esposas idosas atenienses

ses se apossariam da Acrópole. De acordo com Lauren K. Taaffe, no momento em que Aristófanes produz *Lisístrata* Atenas vive os resultados da desastrosa expedição à Sicília e, certamente, a morte de muitos homens jovens e de meia-idade deve ter gerado uma mudança na vida cotidiana da *pólis* dos atenienses. De acordo ainda com Taaffe, Atenas teria perdido neste momento aproximadamente um terço da sua população masculina. Assim sendo, quando Lisístrata queixa-se acerca da escassez de *amantes*, Aristófanes está reagindo comicamente à perda muito séria da população masculina. Dessa forma, a escassez de homens resultou na impressão de que existia um excesso de mulheres na *pólis* (TAAFFE, 1994: 72 — *o grifo é nosso*).

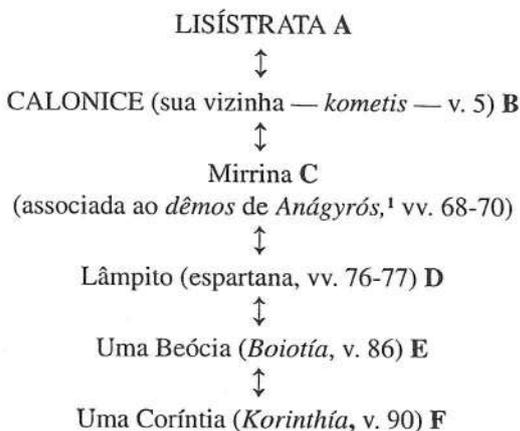
A especificidade da comédia enquanto documentação está principalmente em nos oferecer uma maior possibilidade de apreensão da vida cotidiana ateniense, o que não encontramos tão presente nos demais gêneros literários. Anna M. Komornicka nos chama a atenção para duas questões a serem observadas em relação a comédia: a primeira é as exigências do próprio gênero cômico — exagero deliberado, paradoxos, ironias, zombaria, exposição das fraquezas — que pedem uma interpretação particularmente prudente; a segunda é que as opiniões invocadas nas peças não são exclusivamente de Aristófanes. Segundo a autora, elas pertencem também a grupos, a boatos, a classes sociais. E o poeta se aproveita das opiniões para tratar de agradar aos espectadores (KOMORNICKA, 1997: 398).

*Lisístrata* tem sido muitas vezes vista como uma demonstração da solidariedade feminina e das realidades peculiares à guerra, à paz e aos conflitos dos sexos; claramente alterando estereótipos determinados de sexo e gênero (TAAFFE, 1994: 48). Diferente do que previa o modelo de comportamento feminino idealizado, que relegava às esposas o silêncio enquanto uma de suas virtudes principais, Aristófanes concede-lhes um significativo espaço de fala. As esposas na *Lisístrata* são ativas e estão inteiradas acerca da esfera pública. A constituição de uma rede social informal feminina *inter-pólide* será por nós entendida como uma forma de ação pública das esposas em prol da paz.

Por rede social entendemos um grupo no qual cada pessoa está, de alguma maneira, em contato com um número de pessoas, algumas das quais estão diretamente em contato entre si enquanto outras não (BOTT, 1990: 98). Rede social pode ser ainda entendida como uma dimensão integrada pelos vínculos que unem as pessoas no cotidiano (a confiança, por exemplo) e que repousam no intercâmbio recíproco de mensagens, bens e serviços. Dentro do conjunto social, estes intercâmbios e transações possuem um caráter informal e se acham isentos de validade legal (GINER,

1996: 53). Acrescentamos ainda que as redes sociais enfatizam o papel de ator do indivíduo.

A rede social constituída pelas personagens femininas na comédia *Lisístrata* se apresenta da seguinte forma:



Dinâmica da Rede:

A	↔ B ↔ C ↔ D
B	↔ A ↔ C ↔ D
C	↔ A ↔ B ↔ D ↔ E
D	↔ A ↔ B ↔ C ↔ E ↔ F
E	↔ C ↔ D ↔ F
F	↔ D ↔ E

A rede social apresentada em *Lisístrata*, conforme mencionamos, é inter-*políade*. A personagem que intitula a comédia reúne em Atenas as próprias atenienses, as peloponésias e as beócias, além das coríntias. Lisístrata reforça a necessidade de tal interação quando afirma que:

“Mas se as mulheres — *gynaikes* — se reunirem aqui,  
as da Beócia — *Boioton* —, as do — *Peloponnesión* —  
e nós, juntas salvaremos a Hélade — *Helláda*.”

(ARISTÓFANES. *Lisístrata*. vv. 39-41).

Além das personagens mencionadas acima, fazem parte claramente desta rede social pelo menos todas as esposas atenienses e espartanas. As atenienses lideradas por Lisístrata e as espartanas por Lâmpito. Tendo em vista a dinâmica da rede social informal encabeçada por Lisístrata, seria interessante observarmos a atuação da personagem Lâmpito. Mais do que a própria Lisístrata, é essa personagem espartana quem mais propicia uma maior densidade à rede, pois ela é a única personagem que no decorrer da comédia interage com todas as demais personagens femininas que compõem a rede.

Diferente do que vimos observando no decorrer da pesquisa, onde as redes sociais nas quais as esposas atenienses estavam integradas se caracterizavam por serem *travadas*; a rede social constituída em *Lisístrata* não possui, em seu conjunto, esta especificidade. Por rede social *travada* entendemos aquelas nas quais seus componentes desempenhavam, com frequência, dois ou mais papéis sociais concomitantes, isto é, podiam ser ao mesmo tempo amigas, vizinhas e parentes. Não é este o caso da rede social de *Lisístrata*. Somente Calonice é ao mesmo tempo amiga e vizinha de Lisístrata. Acreditamos que o caráter *inter-políade* da rede social de *Lisístrata* a impeça de ser do tipo *travada*. O alto grau de conexão desta rede certamente só poderia ser encontrado internamente, ou seja, entre as esposas atenienses ou entre as espartanas.

Alguns aspectos comuns permitem uma unidade à rede social de *Lisístrata*. O primeiro se constitui pela busca do fim da guerra e do retorno à paz. Constantes são os elementos figurativos que apontam para esta necessidade no decorrer da comédia *Lisístrata* de Aristófanes:

*“De forma que agora nenhum homem — andron —  
levante a lança — dóru — um contra o outro... (vv. 49-50).  
(...) aceitareis então, se eu (Lisístrata) encontrasse um meio,  
comigo acabar a guerra — pólemon (vv. 111-112).  
Depois disto nós logo decidimos salvar a Hélade em comum — Héllada  
koinei (v. 524).  
Eu (Mirrina) não, por Zeus, se não fizerdes a paz  
e cessardes a guerra — polémon (vv. 900-901).”*

O segundo, é a própria proposta da greve de sexo: *“É preciso então que abandonemos o pênis” — péous (ARISTÓFANES. Lisístrata. v. 124)*. Interessante seria ressaltar não tão somente o conteúdo de tal proposta, mas principalmente o fato de que, a princípio, a proposta é recusada pelas atenienses Calonice e Mirrina, mesmo que a guerra continue (ARISTÓFANES. *Lisístrata*. vv. 129-130). Essa própria proposta e, prin-

principalmente, a dificuldade das esposas em aceitá-la é bastante relevante se tivermos em mente o fato de que de acordo com o modelo ideal grego de comportamento feminino cabia às esposas um tipo de vida puro e casto, isto é, uma atividade sexual bastante discreta, e a hostilidade à sedução (DETIENNE, 1976: 55-56), comportamentos estes não presentes nas personagens da comédia de Aristófanes. Outro aspecto ainda a ser salientado é que o prazer sexual (*aphrodisiázo*), na sociedade grega antiga, fazia parte do universo da prostituição e não do casamento. De acordo com J-P. Vernant, o casamento grego antigo não tinha por objetivo o prazer (VERNANT, 1992: 128).

Por fim, o terceiro aspecto de coesão da rede social de *Lisístrata*: as relações de amizade (*phília*). Os termos *phíle* (amiga, v. 238), *phílai* (amigas, v. 239 e 712, por exemplo) são freqüentes no decorrer da comédia como uma forma de tratamento entre as esposas, além dos termos *phíltáte* (superlativo irregular feminino de *phílos* que significa *a mais querida*, no verso 145) e *phílaisi* (forma imperativa médio-passivo do verbo *philéo*, v. 540) que aparecem uma única vez cada no texto de Aristófanes. O conceito *phília* é utilizado por Aristófanes como expressando a coesão dos helenos em prol da paz, o que fica evidente na fala do personagem Lacônio que suplica à Ártemis “... *que de hoje em diante reine uma philía fecunda...*” entre os helenos (ARISTÓFANES. *Lisístrata*. vv. 1263-70). Entendemos a *phília* como um elemento de coesão social entre as esposas que vai proporcioná-las a organização do espaço e a criação de lugares de validação de suas práticas e de uma existência social própria.

Para Aristóteles, na *Ética de Nicômaco*, *phília* é “... uma *areté*, sendo além disso, sumamente necessária à vida” (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. VIII.1). Já Plutarco (*Obras Morais. Da pluralidade de amigos*, 3. [94b]) ressalta que a *phília* exige três fatores: a virtude (*areté*), a intimidade (*synétheia*) e a utilidade (*chreía* — ao mesmo tempo pode significar: relações ou desejos).

Partimos do princípio de que a amizade é uma relação informal, é uma prática social que pressupõe conflitos e interações em diversos níveis da experiência social; produzindo lugares de igualdade e de diferença social e sexual (THEML, 1998: 4). Neste sentido, a amizade é, de acordo com a antropóloga social Josepa Giner (1995: 25), uma relação voluntária, pessoal e igualitária.

Os especialistas contemporâneos vêem a amizade como sendo sustentada por três bases: 1- a lealdade; 2- a confiança; 3- a reciprocidade, que não implica um imediatismo (GINER, 1996: 30 e 52), mas que pressupõe um código de fidelidade pessoal (HERMAN, 1987: *passim*).

O êxito das esposas na comédia conseguindo um acordo de paz e o fim da guerra demonstra — mesmo que no plano da utopia, pois a guerra do Peloponeso perdurou até 404 a.C. e resultou na perda por parte de Atenas de sua hegemonia — que a participação das esposas legítimas em redes sociais conexas explicita as suas maneiras de fazer, na acepção de Certeau, que muitas vezes só aparecem enquanto resistências ou inércias em relação à produção sociocultural estabelecida. Essas maneiras de fazer acabam por constituir uma antidisciplina; isto porque, os membros que participam das redes sociais conexas tendem a obter um consenso sobre as normas e exercem uma pressão informal e firme entre si para conseguirem a aceitação das mesmas, para manterem o contato mútuo e inclusive se ajudarem entre si (BOTT, 1990: 99).

Assim sendo, concebemos a participação das esposas em grupos informais como *tática* de refúgio do *esquematismo* cultural ateniense que impõe às mulheres e aos homens o cumprimento de tarefas específicas que culminam na bipolaridade espacial interno/feminino X externo/masculino. Para romper com este ordenamento social, restava às esposas recorrerem à *táticas*, aproveitando *ocasiões para prever saídas* (CERTEAU, 1996: 100).

### *Documentação Textual*

ARISTOPHANE. *The Lysistrata*. London: Havard University Press, 1996.

ARISTOTLE. *Ethique de Nicomaque*. Paris: Flammarion, 1965.

PLUTARQUE. *Oeuvres Morales*. Paris: Belles Lettres, 1989.

XENOPHON. *Oeconomicus*. London: William Heinemann, 1938.

### *Bibliografia*

BOTT, E. *Familia y Red Social*. Trad. R. Governado. Madrid: Taurus, 1990.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Trad. E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHEVITARESE, A.L. “*Philaí, Dêmoi e Escravidão Agrícola na Atenas Clássica*”. In: *Phoînix*. Rio de Janeiro, 5: 75-98, 1999.

GINER, J.C. *La Amistad: Perspectiva Antropológica*. Barcelona: Icaria, 1996.

- HERMAN, G. *Ritualised Friendship and the Greek City*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- KOMORNICKA, A. M. "Le Pouvoir en question dans les comédies d'Aristophane". In: ACTS DU COLLOQUE (Toulouse, 17-19 Mars, 1994). *Aristophane: la langue, la scène, la cité*. Bari, 1997.
- TAAFFE, L.K. *Aristophanes and Women*. London and New York: Routledge, 1994.
- THEML, N. *Philía e Relações de Grupos Informais em Atenas V-IV séc. a.C.*. Rio de Janeiro: 1998. (obra de circulação restrita.)
- VERNANT, J-P. "Entre Animais e Deuses: Dos Jardins de Adônis à Mitologia dos Arômatas". In: *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

### *Nota*

1. Este artigo foi apresentado em forma de comunicação no IX Ciclo de Debates em História Antiga: Espetáculos e Festas, promovido pelo LHIA-IFCS-UFRJ, em novembro de 1999. Ele resulta da pesquisa ligada ao projeto *Mélissa e Redes Sociais Informais na Atenas Clássica*, desenvolvido pelo PPGHIS-UFRJ para doutoramento e sob orientação da Profa. Dra. Neyde Theml.
2. *Anágyrós* é um *dêmos* da costa ateniense, pertencente a tribo *Erekhtheis*. (CHEVITARESE, 1999: 79.)